

# O Pássaro de Fogo

E OUTROS CONTOS DE FADAS  
RUSSOS

Copyright © 2020 Adriana Moura e Paulo Rezzutti

© 2020 Casa dos Mundos/LeYa Brasil

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.02.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

*Editoras executivas*

Izabel Aleixo e Natalie Lima

*Diagramação*

Filigrana

*Produção editorial*

Carolina Vaz

*Capa*

Kelson Spalato

*Revisão*

Elisabeth Lissovsky

*Imagens / crédito de capa*

Poster, 1903. Artista: Bilibin

As ilustrações das páginas 12, 20, 26, 32, 44, 50, 58, 66 e 78 pertencem a Ivan Bilibin.

A ilustração da página 38 é de Boris Zvorykin.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

M884p

Moura, Adriana

O pássaro de fogo e outros contos de fadas russos / Tradução e adaptação de Adriana Moura e Paulo Rezzutti. – São Paulo: LeYa, 2020.

96 p.: il., color.

Bibliografia

ISBN 978-65-5643-042-3

1. Contos de fadas 2. Literatura infantojuvenil russa 3. Fábulas I. Título II. Rezzutti, Paulo

LeYa é um selo editorial da empresa Casa dos Mundos.

Todos os direitos reservados à

CASA DOS MUNDOS PRODUÇÃO EDITORIAL E GAMES LTDA.

Rua Avanhandava, 133 | Cj 21 – Bela Vista

01306-001 – São Paulo – SP

[www.leya.com.br](http://www.leya.com.br)

Para Isabela Witte, Vinícius Merendi, Francisco  
Veiga, Helena Maduro e António Fait Moura

# Sumário

*Prefácio*

O pescador e o peixe

A Baba Yaga e o garoto corajoso

A Baba Yaga e a órfã

Morozko, o Velho Inverno

Snegurochka, a donzela de neve

Alyonushka e Ivanushka

A pena de Finist, o falcão

A princesa sapo

O czar Saltan

O pássaro de fogo

*Nota sobre as adaptações*

*Fontes utilizadas para a criação dos textos base*

*Glossário*

*Bibliografia*

# Prefácio

re a primeira pedra quem nunca, em algum momento da vida, orceu para que a Branca de Neve não mordesse a maçã que a madrasta-bruxa lhe deu nem ficou se perguntando como João, no alto do seu pé de feijão, derrotaria o gigante.

Os contos de fadas começaram a ser coletados com mais intensidade em diversos países na época do Romantismo, especificamente dentro da corrente nacionalista, como uma maneira de resgatar as histórias contadas pelo povo ao longo de séculos. Essa coleta folclórica iria ajudar a fundamentar a construção de uma identidade nacional. Assim, inicialmente nos estados alemães, depois nos estados italianos e na Rússia, entre outras nações, tal processo revelaria os medos e os anseios, o que assombrava e o que encantava esses povos.

Esses contos, em seus primórdios, não tinham a intenção de, pela magia, adoçar a realidade; sua função era instrutiva ou moralizante. Com o tempo, muitos deles acabaram sendo suavizados, e, no século XX, foram transformados por Walt Disney e outros produtores em desenhos animados meigos e sensíveis. Recentemente, graças a filmes, desenhos e séries como *Malévola*, *Branca de Neve e o caçador*, *Deu a louca na Chapeuzinho*, *João e Maria: caçadores de bruxas*, *Era uma vez e Grimm*, começou a haver uma reconstrução desses contos de fadas. Com a mudança dos pontos de vista e das leituras dos seus personagens, buscase uma nova narrativa mais inclusiva, na qual a mulher é dona de seu destino e não existem personagens intrinsecamente maus ou bons,

tornando o mundo menos branco e preto.

Os contos de fadas russos são menos conhecidos no Ocidente e têm características próprias, como a forte ligação com a natureza, na qual o inverno, por exemplo, é personificado num ser que pode ser bom ou mau, dependendo da forma como se lida com ele. As mulheres são muito menos passivas, e delas depende o seu próprio caminho, como podemos ver no símbolo máximo do feminino nesses contos escolhidos que é a fantástica Baba Yaga. Como uma espécie de Mãe Natureza que pune, desafia e ajuda, ela atua em muitos momentos como um rito de passagem entre a infância e a vida adulta.

No conto que dá título a esta coletânea, “O pássaro de fogo”, imortalizado na peça sinfônica de Igor Stravinsky, temos a presença novamente da dualidade sob a qual a nossa vida é construída. A “água da vida e a água da morte”, que destrói e salva, funciona bem como uma metáfora da presente discussão sobre sustentabilidade e gestão dos recursos naturais. Outro ponto a ser destacado é a presença frequente do humor ao se punir os gananciosos, como ocorre no conto “O pescador e o peixe”.

As famosas *matrioshkas* russas, bonecas de madeira que se encaixam umas dentro das outras, simbolizam, entre outras coisas, a imortalidade por meio da maternidade, sendo a última boneca, geralmente, um bebê. Essa questão, de uma peça dentro da outra preservando algo, pode ser vista em contos antigos como “A princesa sapo”, no qual a alma do bruxo Koschei, o Imortal, se encontra escondida dentro de um receptáculo, que está dentro de outro, e outro, e outro. Como na série *Harry Potter*, a alma do vilão não está dentro dele, de modo que não pode ser morto num confronto direto, levando o herói a uma busca.

Pretendemos, com esta seleção, apresentar esse mundo tão rico e pouco conhecido no Brasil, cujos temas são universais e continuam atuais, apesar de séculos separarem os primeiros ouvintes dos atuais leitores. Esperamos que, como nós, você se compadeça do pobre

pescador e de sua mulher, sempre insatisfeita, fique imaginando como a Baba Yaga entra em sua casa sem portas nem janelas e torça pelo príncipe Ivan em suas aventuras em busca do pássaro de fogo.

Adriana e Paulo

Copyrighted image



# O pescador e o peixe

Uma vez um velho homem que vivia com sua mulher na beira do grande mar azul. Eles eram pobres e moravam numa casa lamacenta fazia 33 verões e invernos. O velho ganhava a vida pescando na beira do mar, enquanto a mulher tecia roupas.

Certo dia, ele jogou sua rede de pesca no oceano e, quando a puxou, só veio lama do fundo do mar. Uma segunda vez o pescador jogou sua rede, mas ela retornou cheia de algas. Já com a noite chegando, quase na hora de voltar para casa, o velho arriscou uma vez mais. Quando foi recolher a rede, achou que tinha pescado não um peixe, mas um cardume inteiro, pois teve que fazer uma força imensa para puxá-la. Depois de muito lutar, finalmente conseguiu recolher a rede e... que decepção. Dentro dela, havia apenas um pequeno peixe dourado, que o velho pôs na palma da mão.

– Bem – disse o pescador olhando para o peixinho –, ao menos eu e minha velha teremos algo para comer no jantar.

– Bom pescador – falou o peixe –, seja gentil e me liberte.

– Como assim? – perguntou o pescador, assustado. – Você fala? E com voz de gente?

– Sim, falo – respondeu o peixe –, e também o meu coração de peixe sente dor como o seu. Seria tão amargo para mim morrer como seria para você.

– Sério? – disse o velho. – Bem, fique sossegado, desta vez não morrerá.

E devolveu o peixe ao mar.

– Obrigado, meu velho pescador – disse o peixe contente, com a cabeça fora d'água. – Peça o que quiser e será seu.

O pescador ficou parado à beira do mar, olhando para o peixe e passando os dedos enrugados na grande barba branca enquanto refletia. Por fim, respondeu:

– Obrigado, peixe dourado, mas creio que tenho tudo de que preciso.

O peixe então falou:

– Lembre-se, se precisar de algo, é só vir aqui e me chamar, que o atenderei.

E saiu nadando mar adentro.

O pescador voltou para casa e contou para a mulher a coisa maravilhosa que acontecera na beira do mar. Mas ela o amaldiçoou e, batendo com a vassoura na cabeça dele, disse:

– Você é um tolo em não fazer um desejo! Ao menos podia ter pedido uma bilha d'água, já que a nossa quebrou!

No dia seguinte, o velho voltou para a beira do mar, onde pequenas ondas quebravam, acariciando a areia clara. Ele chamou pelo peixe dourado, que logo subiu à superfície e perguntou:

– De que você precisa, velho homem?

Ele se inclinou e respondeu que sua mulher o amaldiçoara porque precisava de uma nova bilha. O peixe o animou e prometeu cumprir seu desejo.

Quando o pescador voltou para casa, viu a nova bilha sobre a mesa. Mas sua mulher estava infeliz e gritou novamente com ele:

– Veja que bilha ele nos deu! Toda em porcelana, com flores pintadas em quatro cores e frisos dourados. Veja se isso combina com esta casa caindo aos pedaços. Quando chove, é melhor ficarmos do lado de fora, pois cai menos água do que do lado de dentro. Nosso telhado parece uma peneira! Você é um tolo! Volte ao peixe! Peça uma nova

casa.

– Eu não gosto disso... – disse o velho pescador.

– Isso é problema seu – respondeu a velha mulher. – Se o peixe é capaz de nos dar uma bilha como essa, uma nova casa não é nada para ele. E lembre-se de que o peixe lhe deve a vida.

O pescador voltou para o mar, onde a água e o céu começavam a escurecer. Chamou o peixe, que emergiu novamente e nadou até onde o velho estava.

– O que quer? – perguntou o peixe.

– Bem, minha mulher acha que precisa de uma cabana melhor para ter uma bilha como aquela que nos deu. Realmente, a nossa está caindo aos pedaços, e quando a chuva vem...

– Vá para casa – disse o peixe, e voltou para o mar.

O pescador bem que tentou, mas depois de muito andar não conseguiu achar a sua casa. Primeiro achou que havia se perdido no caminho, mas, de repente, viu sua mulher andando em volta de um enorme e belo chalé, observando todos os detalhes das portas e janelas esculpidas nas mais ricas madeiras. Era a melhor casa que um mujique poderia sonhar. O lado de dentro era tão bonito quanto o lado de fora. Havia uma grande mesa nova, bancos, um fogão novo, uma grande lareira e um samovar de cobre já em ebulição esperando para fazer o chá.

E a mulher do pescador ficou contente com isso? Claro que não. Logo estava gritando novamente com o marido.

– E com uma casa dessas, como vou conseguir mantê-la? Veja a nossa idade. Olhe o tamanho dessa casa, veja quantos vidros e espelhos terei que limpar sozinha. Eu nasci para coisa melhor que ser uma camponesa qualquer. Quero ser uma senhora, quero ter servos e que os vizinhos se curvem diante de mim.

O pobre velho pescador, com o coração triste, voltou ao mar. As ondas começavam a se erguer e bater com força nas pedras, e o céu

*image  
not  
available*

remendou a roupa e limpou as botas. Entrou na casa e curvou-se perante a mulher.

– Saia daqui, seu velho imprestável! Vá até seu peixe dourado e diga que eu me cansei de ser apenas nobre. Quero que ele me transforme numa czarina, quero ter meus nobres, meus ministros e meu próprio exército, e que eles façam tudo o que eu ordenar.

Dessa vez, o velho até que gostou de ir atrás do peixe, assim podia sair da casa. Quando chegou à praia, notou que a água estava agitada, o céu e o mar tinham se tornado quase negros. Ele chamou o peixe dourado.

– Qual o problema dessa vez? – perguntou o peixe.

– Você não sabe o que tenho sofrido. Minha mulher me transformou num servo, minhas costas estão marcadas de chicotadas. Tenho que limpar o pátio e, se ela encontrar alguma sujeira, sou punido. Agora ela decidiu que não basta mais ser nobre, ela quer ser uma czarina.

– Não se preocupe – falou o peixe –, volte para casa e ficará tudo bem.

Assim que o peixe partiu, o velho pescador escutou ao longe o som de trombetas e o soar de tambores. Onde havia a bela casa de três andares, surgira um imenso palácio com um telhado de ouro. Atrás dele, onde antes havia um jardim, agora tudo era um grande campo, onde um imenso exército estava perfilado. De repente, o velho viu sua velha sair para a varanda, cercada de generais e boiardos, para passar as tropas em revista. Os tambores e as trombetas soaram mais alto, e todos os soldados gritaram a uma só voz: “Urra!”.

O velho pescador voltou ao estábulo, onde encontrou um cantinho escuro com palha para dormir.

Depois de algum tempo, a velha estava novamente cansada. Achando que havia sido feita para coisa melhor, chamou o camareiro e disse:

*image  
not  
available*

# A Baba Yaga e o garoto corajoso

Uma vez um gato, um pardal e um garoto corajoso que viviam juntos numa isbá na floresta. Um dia, o gato e o pardal resolveram entrar na floresta para cortar lenha. Eles disseram ao garoto corajoso:

– Você precisa ficar para tomar conta da casa, mas lembre-se: se a Baba Yaga vier e contar as colheres, não diga nem uma palavra!

– Está certo, eu me lembrarei disso – disse o garoto corajoso.

O gato e o pardal saíram, e o garoto corajoso sentou-se próximo ao fogão, debaixo da chaminé. Não passou muito tempo e a Baba Yaga entrou. Sem olhar para ele, pegou as colheres e começou a contá-las:

– Esta é a colher do gato, esta é a colher do pardal, e esta é a colher do garoto corajoso.

O garoto corajoso não conseguiu se segurar e gritou:

– Baba Yaga, não mexa na minha colher!

A Baba Yaga então agarrou o garoto corajoso e o colocou embaixo do braço. Sentou em seu pilão e voou para longe. Ela guiava pelo ar remando com a mão do pilão e varria seu rastro com uma vassoura. O garoto corajoso começou a berrar:

– Gato, corra! Pardal, voe!

Eles o ouviram e correram para ajudá-lo. O gato pulou sobre a Baba

*image  
not  
available*



outro, e assim não pôde ser colocado dentro do forno. A Baba Yaga disse:

- Não é desse jeito, não é assim!
- Eu não sei como fazer isso, mostre para mim.

A Baba Yaga então se curvou e deitou na assadeira. O garoto corajoso empurrou-a para dentro do forno e correu de volta para casa. Feliz, passou a noite contando para seus amigos como foi que ele derrotou a Baba Yaga.

Copyrighted image

*image  
not  
available*

Assim que ele se sentou diante dela, a garota tirou o presunto e deu a ele, perguntando se havia algum jeito de sair dali. O gato, então, deu a ela um pente e uma colcha, dizendo com voz de gente:

– Quando sair, a Baba Yaga vai seguir você. Coloque a orelha no chão para escutá-la chegando e, quando estiver bem perto, primeiro atire a colcha. Ela vai tentar mais uma vez, então, quando estiver bem perto novamente, atire o pente.

Tanyusha agradeceu e fugiu porta afora, mas um bando de cães a perseguiu. Ela jogou o pão fresco para eles, que se puseram a comer e a deixaram passar. Ao chegar perto do portão, ele começou a se fechar. A menina rapidamente derramou o óleo de girassol em suas dobradiças, e ele abriu-se, deixando-a passar. Finalmente, os ossos da cerca tentaram agarrá-la, mas a menina usou a fita de sua avó para amarrá-los uns aos outros.

Quando a Baba Yaga voltou, foi até a janela e perguntou:

– Está fiando, minha querida?

– Estou, sim, avozinha – respondeu o gato.

A bruxa entrou na cabana e encontrou o gato sozinho. Então percebeu que Tanyusha havia fugido e prontamente começou a bater no gato, acusando-o de não ter vigiado a menina. O gato respondeu:

– Em todos esses anos em que vivo com você, sua bruxa, nunca recebi mais do que um osso, enquanto que Tanyusha me deu um pedaço de presunto.

Então a Baba Yaga gritou com a criada por ter deixado a menina fugir, mas ouviu dela:

– Durante todos esses anos, você só me deu trapos para vestir. Veja que lindo o lenço de seda bordado que Tanyusha me deu de presente!

Farta dos dois, a Baba Yaga correu pelo pátio e viu os cães comendo o pão contentes. Começou a repreendê-los, mas eles disseram:

– Só ganhamos pão duro durante todos esses anos. Esse pão fresquinho veio mesmo a calhar.

*image  
not  
available*

coragem e convidou Anastácia para um passeio na floresta. Caminharam por muito tempo, ele com o coração apertado, e ela sem desconfiar de nada. A menina tentava fazer o pai rir, sem entender sua infelicidade, mas isso apenas o entristecia ainda mais. Enfim, quando já estavam muito longe de casa, ela distraiu-se olhando uma planta, e ele saiu correndo e deixou-a lá para congelar.

Oh, pobre Anastácia! Ficou lá sentada num tronco na neve, com o corpo tremendo, os dentes batendo e os lábios e dedos tornando-se azuis de frio. Então Morozko, o Velho Inverno, com sua pele azulada e suas longas barbas de cristais de gelo, viu a menina sozinha na clareira. Ele resolveu se divertir dando nela seu abraço frio até congelá-la. Pulando de galho em galho, fazendo as árvores se retorcerem, chegou bem perto de onde Anastácia estava e perguntou-lhe:

– Você está com frio, minha garotinha?

Embora estivesse gelada até os ossos, Anastácia não quis ferir os sentimentos do Velho Inverno e respondeu:

– Bem-vindo, meu querido Morozko. Não, estou aquecida o suficiente, obrigada por perguntar.

Morozko ficou tão compadecido com aquela gentileza que desistiu de congelá-la.

– Espere um pouco, minha garotinha. Logo virei lhe fazer companhia.

E saiu em meio às árvores, soprando e assobiando, enquanto a neve rodopiava ao seu redor. Pouco tempo depois, Morozko voltou para perto da garota e perguntou a ela novamente:

– Você está com frio, minha garotinha?

– Não, eu estou bem, meu querido Morozko – disse ela mais uma vez.

Então ele deu a ela um lindo casaco de pele de zibelina e um cobertor de plumas de ganso e tornou a ir embora. Quando a noite já estava alta, voltou para ver como Anastácia estava.

*image  
not  
available*

# Snegurochka, a donzela de neve

Copyrighted image  
muito tempo, o Pai Inverno e a Mãe Primavera tiveram ma linda filha. Ela era feita de neve, e seu nome era negurochka. Conforme foi crescendo, Snegurochka tornou-se uma bela jovem.

Quando fez quinze anos, começou a se queixar de que estava sempre sozinha. Então seus pais perceberam que ela havia se tornado uma mulher e que não podia mais ser mantida isolada do resto das pessoas, como quando era criança. Eles entenderam que deviam deixá-la encontrar seu caminho no mundo, mas ficaram tristes por perdê-la.

Com medo de que Yarilo, o deus Sol, a derretesse, eles pediram a seu amigo, o Espírito da Floresta, que a protegesse. Ele prometeu mantê-la a salvo do deus Sol enquanto o amor de um homem não entrasse em seu coração. Os pais ficaram aliviados, pois o coração de Snegurochka era feito de gelo, então não podia amar. Assim, despediram-se dela e deixaram-na na floresta do reino de Berenday.

Snegurochka vagou por muito e muito tempo, sempre triste e solitária. Ela fez amizade com diversos animais, mas faltava algo em seu coração, pois não tinha ninguém para conversar.

Na mesma floresta, vivia um velho casal que havia tentado por anos ter filhos, sem sucesso. Seus dias eram muito solitários, e suas noites, muito tristes, porque não tinham nenhuma criança para lhes fazer

*image  
not  
available*





Copyrighted image

*image  
not  
available*

presa ao seu pescoço e a libertou. Quando a bruxa veio ver se o mercador tinha matado o cabrito, ele agarrou-a, amarrou-a a um cavalo e tocou o animal para longe no campo.

O cabritinho ficou tão feliz de ter escapado da morte que se empolgou e deu três cambalhotas. Quando caiu no chão de novo, parou sobre seus dois pés, voltando a ser um lindo menino.

Copyrighted image

*image  
not  
available*

encontraram ninguém, ficaram muito aborrecidas e saíram desconfiadas.

Nas noites seguintes, Maria foi para o quarto logo depois do jantar. Então, bastava que pegasse a pena e a agitasse para que Finist entrasse janela adentro, voando, para visitá-la. Mas, na terceira noite, as duas irmãs mais velhas viram quando ele saía e resolveram dar um jeito de acabar com aquilo.

Enquanto Maria estava fora no mercado, as irmãs colocaram facas afiadas e agulhas no batente da janela. A mais nova não suspeitou de nada e, naquela noite, após agitar a pena, acabou cochilando enquanto esperava por Finist. Quando o falcão tentou entrar no quarto, os objetos afiados feriram suas asas e, por mais que tentasse, ele não conseguiu entrar. Então disse tristemente a ela:

– Adeus, minha querida. Se você me ama realmente, me encontrará nos confins do mundo, no último reino. Mas, antes de me encontrar, terá de gastar três pares de sapatos de ferro.

E voou para longe...

Com os primeiros raios de sol da aurora, Maria despertou e descobriu as lâminas cobertas de sangue no batente da janela. Ela chorou e chamou por Finist por muito tempo, mas não obteve resposta. Então foi ao ferreiro, mandou fazer três pares de sapatos de ferro e saiu pelo mundo, em busca de seu amado.

Maria caminhou por dias e dias pela floresta e, quando já havia gastado um par de sapatos de ferro, finalmente chegou a uma pequena isbá. Uma velhinha, que era a Baba Yaga, chegou à porta e perguntou a ela:

– Aonde você vai, minha bela?

– Encontrar Finist, o falcão, avozinha.

– Oh, é um longo caminho – disse a Baba Yaga. – Eu vou ajudar você. Pegue este prato de prata e estes ovos dourados. Não os venda por dinheiro, mas negocie com eles uma conversa com Finist. Pegue esta